

CIDADANIA E WEBLETRAMENTO: DO PRAZER À DEPENDÊNCIA DIGITAL

Robério Pereira Barreto*
jpgbarreto@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa – em andamento – realizada com estudantes do ensino médio de escolas públicas e particulares de Santo Antonio de Jesus – BA. Para isso aplicou-se 20 questionários aos estudantes do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, totalizando 120 questionários nas duas escolas, sendo uma particular e a outra pública. Objetivo maior foi analisar o grau de dependência da internet do referido público, mensurando qualitativa e quantitativamente o nível de interação e aprendizagem em rede em que vivem os envolvidos na pesquisa, a partir da compreensão da frequência e do uso da internet através do acesso pelos dispositivos móveis: celular, *iphone*, *ipad*, *smartphones*, etc. O suporte teórico-metodológico são os modelos etiológicos da dependência da internet (YOUNG, 1996). As mensurações tiveram como base o protocolo do *Internet Addiction Test* (IAT) no qual se pondera a extensão, a classificação e o envolvimento da pessoa com dependência de mídias a partir das categorizações: leve: 0-30 pontos; moderada: 31- 49 pontos; grave: 50 a 79 pontos; gravíssima: 80-100 pontos. Nas mensurações realizadas nos dados fornecidos pelos estudantes de escolas públicas pesquisadas, a média foi de 31,79 pontos. O protocolo (IAT) mostra, neste caso, dependência leve. Por outro lado, a escola particular apresentou média 50,1 pontos, que de acordo com o mesmo protocolo se tem neste caso, dependência moderada.

Palavras-chave: dispositivos móveis; escola; dependência de internet.

1 INTRODUÇÃO

Está claro que o acesso da população mundial à internet se tornou móvel devido ao uso que os Nativos Digitais¹ deram às tecnologias e mídias digitais a sua disposição. Para Cristal (2013) a interação em áudio e vídeo se tornou rotina e tem na tecnologia de

*Professor Doutor em Educação (FACED/UFBA). Mestre em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc/UNEB). Especialista em Metodologia do Ensino de Línguas Estrangeiras, licenciado em Letras Língua Inglesa, Portuguesa e Espanhol (UNEMAT/Campus Tangará da Serra). Professor Assistente B, Colegiado de Letras, Campus V (UNEB).

¹ As anotações que se seguem constituem num glossário que tem como inspiração e fonte os conceitos usados por PALFREY, Jonh; GASSER, Urs. *Nascidos na era digital*: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011, lembrando que alguns termos foram parafraseados para poder se encaixar conceitualmente ao contexto da pesquisa, outros são citações literárias retiradas da obra citada. Palfrey e Gasser (2011, p. 324) classificam todas as pessoas que nasceram na era digital que, para eles a referência temporal é a década de 1980 (no Brasil, devido à precariedade dos sistemas de comunicação e a conseqüente chegada da internet à população a partir dos anos 1990, assume-se aqui que tal referente temporal seja os anos 90) que tem acesso às tecnologias digitais da rede e grandes habilidades e conhecimento de computação. Os Nativos Digitais compartilham uma cultura global comum que não é rigidamente definida pela idade, mas por alguns atributos e experiências relacionadas à como eles interagem com as tecnologias da informação, com a própria informação, um com o outro e com outras pessoas e instituições.

conversação um espaço de transformação de texto em fala e fala em texto. O lugar da interação entre sujeitos sociais e educativos tem sido ampliado de modo bastante significativo com a presença dos dispositivos móveis e em rede acessados por meio de redes internet sem fio – *wi-fi*².

A comunicação e a participação de adolescentes e jovens no mundo da *web*³ tornaram-se uma necessidade pessoal, social e moral, isto é, para que o jovem exista na sua comunidade real tem também⁴ quer ser visto *on-line* o maior tempo possível.

Diante desta questão, a literatura especializada no assunto tem afirmado através de estudos clínicos e empíricos que a vivência continuada e sem limites na *web* por meio das redes sociais e *websites* traz além de benefícios – aprendizagens *on-line* e trocas de saberes em tempo real, produção sócio-discursiva em escala ampla, mobilização social e política – por outro lado tem trazido também uma série de problemas, entre eles se tem destacado a dependência da internet (YOUNG, 2013).

No contexto atual, a internet está disponível em vários formatos comunicacional, educacional, social e político. Assim, é necessário reconhecer que se vive no epicentro de uma busca continuada por informações variadas, incluindo aí a produção de conhecimentos e avaliação de comportamentos humanos e sociais que somente com a velocidade da interação em rede são possíveis de se viver.

Neste cenário tecnológico móvel⁵ decorrem significativas implicações na compreensão do segmento adolescente que ora está na escola. Diz-se que uma das consequências dessa presença maciça dos indivíduos jovens na cultura digital móvel são a dependência da internet e suas tecnologias digitais que desafiam sociedades, governos, família e escola.

Diante desse quadro, este trabalho objetiva por meio de mensuração e de interpretação de dados, lançar algumas questões sobre o assunto, mesmo correndo o risco de dizer pouco, uma vez que se trata ainda de pesquisa inicial neste contexto. Entretanto, espera-se que seja

² Uma rede que permite que dispositivos prontos para a internet se conectem sem qualquer conexão física. A maioria das escolas adota esse dispositivo como conceito estético de acesso, evitando a exposição de tomadas e fios de internet.

³ Conhecida no meio especializado como *web 2.0*: porque permite maior interação; leitura e escrita centradas no usuário. Atribui seu surgimento a partir de 2001, quando a internet se tornou popular na sociedade.

⁴ Autores de variadas matizes afirmam que se trata de espaço na internet que têm fins lucrativos. Os exemplos mais conhecidos são os *websites* planejados para o *e-comércio* e, portanto, sua organização visa o aumento da lucratividade das empresas. No campo da liberdade que a *web* trouxe, multiplicaram-se os *websites* para outros fins, inclusive educacionais e pessoais têm instigado uma série de novos modos de agir digitalmente, seduzindo a tal ponto que tem havido o aumento da dependência do uso da internet.

⁵ Trata-se, na verdade, dos usos de telefones celulares, *ipads*, *tablets*, máquinas e câmeras digitais que asseguram a comunicação através da conexão à internet, levando o usuário a acessar informações de modo ilimitado em qualquer lugar. Adverte-se, portanto, que tais tecnologias tiraram significativamente a privacidade de seus usuários, em virtude da facilidade em se fazer o rastreamento dos deslocamentos dos indivíduos.

possível ampliar o debate sobre o uso dos dispositivos móveis no âmbito da escola, considerando que tais equipamentos têm potencial educativo ainda não explorado pela escola.

Além disso, busca-se tranquilizar professores e pais no sentido de dizer que apesar de haver uma massiva participação dos estudantes na *web*, de acordo com os dados levantados até agora, ainda é possível fazer a reeducação dos usuários destas ferramentas, pois trata de utilizadores com dependência leve, isto é, são jovens que sob a mediação da escola podem manejar suas experiências no ambiente digital da *web* para aprendizagens significativas.

2 JOVENS NASCIDOS E CONECTADOS À WEB: CIDADÃOS WEBLETRADOS

Estudos feitos nos Estados Unidos, a partir dos anos 2000 mostram que há um significativo número de pessoas que acessam a internet de modo compulsivo e que isso tem trazido consequências sociais sérias porque levam os indivíduos à dependência do uso da internet.

Com base neste contexto, os participantes da pesquisa foram selecionados por critério de idade variando entre 14 e 17 anos, considerando que tais indivíduos se encaixam perfeitamente no conceito de Nativos Digitais (PALFREY, GASSER, 2011), além disso, demonstraram domínio digital⁶ com os dispositivos móveis, utilizando-os como ferramenta de interação *on-line*.

O acesso à internet deixou de ser somente por meio dos computadores. Os dispositivos móveis de comunicação: Telefones celulares, *Smartphones*, *Ipads* e outros aparelhos asseguram a conexão à internet de qualquer lugar, a qualquer momento. (GRIFFIN, 2013).

Assim, a permanência neste espaço de interação contínua seja através *newsgroups*, bate papo ou *sites* de redes sociais⁷ (SNS) levam a criação de comunidades em que a troca de

⁶ Para Palfrey, Gasser (2011), o domínio digital traduz-se na capacidade para usar a internet e outras ferramentas digitais de maneira eficiente. Isto foi usado como característica principal para a seleção dos participantes da pesquisa, pois vislumbrava a interação com a internet e seus websites, considerando que este domínio é o caminho para a sedução e o desejo continuado de estar a maior parte do tempo on-line. Do ponto de vista da aprendizagem e da ação auto-educacional é premente a necessidade de mais educação e formação para que possam, os professores, ampliar seu universo interacional com a internet, permitindo assim, a leitura de caso de dependência da internet em sala de aula. Assim que a formação docente for ampliada a esse ponto, certamente haverá o estreitamento do fosso entre aqueles que têm o domínio digital e aqueles que não o têm, adverte, (PALFREY, GASSER, 2011, p. 323).

⁷ Um site, como Facebook, MySpace e orkut, que conecta comunidades de pessoas para permitir o fluxo de informações entre os usuários. Usando a tecnologia da web 2.0, os usuários criam perfis e interagem e “fazem

mensagens, conversas e fotos/vídeos e músicas com autoria são compartilhadas em fluxo contínuo.

Para os jovens, este universo é fantástico uma vez que existem gêneros de *sites* de redes sociais onde se podem encontrar antigos colegas de escola, familiares distantes, achar um parceiro para conversas românticas ou conhecer pessoas com interesses políticos semelhantes.

Na verdade, se está falando de MySpace.com⁸, Facebook.com⁹, Youtube¹⁰ entre outros milhares (GRIFFIN, 2013). Tem-se assim, a webcultura onde estes *sites* podem ser usados para diversos fins, incluídos atividades da exposição de si em *webcams*.

Para Griffin (2013) há ainda *sites* de rede social *microbloggers* tal o Twitter¹¹ como o mais comum entre os jovens. O Twitter possibilita que a pessoa se inscreva para seguir o cotidiano de alguém. Além da questão do comportamento, o *microblogging* leva obrigatoriamente à síntese, visto que seu espaço de interação ocorre por meio da escrita, o espaço é delimitado a 140 caracteres digitados. Assim sendo, a prolixidade é reduzida, todavia, “tuitar” é quase sinônimo de linguagem codificada, ficando o sentido restrito ao grupo de troca.

A visualização sistemática do papel da internet no cotidiano dos adolescentes leva à compreensão das problemáticas de ensino e aprendizagem que envolve estudantes da educação básica, essencialmente, sujeito da “Geração digital” – *Gen. D* – ou “Nascidos digitais” que não dependem mais diretamente do professor para fazer a aquisição, a reprodução e a socialização de saberes cujos significados determinam várias formas de aprendizagens em rede.

amizade” com outros usuários. Segundo um relatório do Pew do início de 2007, 55% dos jovens entre 12 e 17 anos usam estes sites, principalmente para reforçar os relacionamentos já existentes.

⁸ Site popular de rede social (SNS) que têm milhões de usuários interagindo e compartilhando internacionalmente *perfis* pessoais, blogs, fotos, vídeos e principalmente músicas.

⁹ Hoje é o mais popular e usado *site* (SNS) que está prestes a completar dez anos que, segundo afirmam os estudiosos deste SNS – teve sua partida inicial a partir de Harvard, quando se projetou a inclusão de todos os estudantes das faculdades, dos colégios, de profissionais em redes regionais e o público em geral.

¹⁰ Considerado o maior e mais usado serviço de compartilhamento de vídeo na internet. Chega a ser responsável por aproximadamente de 10% de todo o tráfego da rede. Existem pesquisas que dizem ser apenas 00,01 dos vídeos que circulam no *YouTube* tem autoria definida de criação de conteúdo. Os demais usuários atuam como amadores que registram *clipes* e vídeos de humor cotidiano, os quais fazem com que outras usuárias interajam através da réplica a outra produção.

¹¹ Site de rede social (SNS) direcionado à interação em que se registram em tempo real contínuas ocorrências do cotidiano de forma instantânea. A característica mais significativa do Twitter é concisão do espaço, isto é, as interações estão limitadas a 140 caracteres. Porém isso não chega a ser um impedimento à comunicação entre os usuários, ao contrário, criou-se com isso um novo estilo de escrita, trata-se do gênero micro-conto muito em voga na rede.

Sabe-se também que a *web* tem promovido mudanças em nosso cotidiano, as quais passaram a fazer parte de nossas ações diárias. A *web* representa por meio da oportunidade de articulação social, autoeducacional e econômica o bem-estar individual e coletivo de milhões de pessoas no mundo. Logo, isso leva a dizer que são necessárias outras reflexões sobre o pensamento pedagógico tradicional em voga na escola.

Os mais interessados em consumir os conteúdos linguísticos, culturais e educativos deste ambiente são os jovens e, portanto, significa acrescentar nos fazeres pedagógicos da formação de professores para a educação a ideia de que a vivência nas mídias digitais oportuniza aprendizagens importantes para além da pretendida pela escola.

A história tem demonstrado que a sociedade cria mecanismos tecnológicos que mudam nossa forma de viver o dia a dia. Esta mesma história tem mostrado ainda quanto à escola tem perdido a sincronia e o ritmo com essa engrenagem, encontrando em descompasso com a realidade.

Com as tecnologias de informação e comunicação não tem sido diferente. Há grande potencialidade de ensino e aprendizagem nos mecanismos suportados pela internet e com a *web* não poderia ser diferente, visto que ela já é parte de nossas vidas com tão grande inserção que já não é mais possível trabalhar, divertir, ensinar e aprender sem está conectado. Tornou-se, na verdade, um ente familiar. Tornou-se natural checar e-mails ou passear nas redes sociais usando *tablet* e *smartphones* já estando na cama.

A história ainda faz lembrar que isso não é uma exclusividade da internet e seus dispositivos digitais. Antes, outras tecnologias invadiram nossas casas e vidas que ainda hoje é possível tê-las em convergências de mídias. Fala-se, neste caso, da TV, o computador pessoal – o famoso *Desktop* – que tiveram impactos importantes no nosso cotidiano e, sem dúvida mexeram nas estruturas da escola, especialmente no que diz respeito à formação de estilos culturais, sociais e políticos, interferindo inclusive nos valores da sociedade da época. Ainda é possível lembrar-se de como as novelas de Dias Gomes influenciaram na moda e na política dos anos 80 e 90, anos que antecedem a chegada da internet no país.

Na internet há também uma crescente expansão de mídias de toda a natureza: as mais colaborativas, como as wikis, as mais dedicadas ao compartilhamento, como o Youtube, e as mais interacionais, como os Blogs, Twitter, Tumblr e Facebook. À medida que a internet expande essa infra-estrutura, atende a necessidades de comunicação, criando novas formas de colaboração, compartilhamento e interação (SHEPHER, SALIÉS, 2013, p. 7).

Diante destas questões, as Pedagogias e a Linguística não poderiam deixar de tomar partido nesse universo. A internet cresce em convergência de linguagens, de estilos devido aos milhões de internautas engajados social e culturalmente na construção de sentido. Isto ampliou o campo de ensino e aprendizagem por parte dos estudantes, ao tempo em que os professores também são provocados a serem usuários de tais ferramentas, visando assim, uma maior e melhor formação.

Dessa maneira, apresentam-se a seguir algumas questões seminais quais sejam: a) nossas ações hoje são orientadas pelas tecnologias e mídias digitais; b) nossos estudantes são nascidos digitais; c) nossos jovens e adolescentes são dependentes de internet e mídia digitais; d) nossas práticas pedagógicas ainda estão orientadas por ações analógicas – livro, cadernos, apontamentos, apostilas, quadro, etc.

Do outro lado temos os paradoxos que compõem esse momento, quando vozes da *web* são capazes de se organizarem em todos os sentidos e, assim, mostrar para a sociedade como são importantes os usos pedagógicos de tais instrumentos com vistas a uma formação coerente de futuros professores que atuarão na escola básica.

Assim, se apresentam alguns paradoxos contemporâneos, quais sejam: a) somos professores imigrantes digitais¹² formando nascidos digitais com metodologias analógicas; b) estamos formando futuros professores com base na ideia de letramento dos anos 1980 – aquisição de leitura e escrita advindas do livro didático, quando, na verdade os estudantes destes profissionais já são consumidores de mídias digitais e, portanto, são webletrados interagindo com múltiplas semioses.

Na análise das questões seminais e, conseqüentemente na interpretação desses paradoxos ficam evidentes lacunas que os cursos de formação de professores – licenciaturas – precisam preencher com urgência, visando assim à preparação de profissionais que possam dialogar de maneira horizontalizada com seus alunos a ponto de ambos falarem a mesma linguagem.

Está claro que o acesso da população mundial à internet se tornou móvel. “A interação em áudio e vídeo se tornou rotina e tem na tecnologia de conversação de texto em fala e fala em texto”. (CRISTAL, 2013, p. 33).

¹² Trata-se de pessoas nascidas antes dos anos 1990 e que por necessidades pessoais ou profissionais adotaram a internet e as tecnologias digitais em seus cotidianos. Há registros de que parte significativa desses imigrantes se tornaram dependentes do uso de internet, porém, se escondem por trás de questões de trabalho para esconder a dependência. Por outro lado têm aqueles usam a internet e suas ferramentas de maneira a garantir a sobrevivência no meio digital, webcultura.

Toda e qualquer afirmação a respeito de prática de ensino e aprendizagem de natureza linguística, cultural e ou formativa até então usada sobre as ações pedagógicas na escola era suportada por manuais de ensino clássico, os quais ainda não consideravam as tecnologias de informação e comunicação (TIC) como articuladoras e agregadoras de saberes.

Com os avanços das tecnologias digitais e educacionais, novas propostas foram inseridas no contexto educacional; a pedagogia de projetos, pedagogia do aprender a aprender, etc. Todavia, agora todas estas questões precisam dialogar com os ambientes *on-line*. “As mesmas metodologias anteriormente utilizadas podem ser agora aplicadas aos *outputs* da internet. E se for necessário adaptá-las, dada à natureza do *output*, isso será também de nosso interesse como pesquisadores” (CRISTAL, 2013, p. 34).

Toda inovação tecnológica impacta diretamente as maneiras como as pessoas vivem pessoal e profissionalmente a presença da novidade no seu meio social. Diz-se, portanto, que a invenção do computador e *world wide web* tornou possível à criação de inúmeras formas de acessar conhecimentos até então inimagináveis. O impacto das tecnologias sobre os processos de ensino e de aprendizagem na escola básica deve ser considerado, a partir do ponto de vista de que as tecnologias de comunicação continuam a se desenvolver e se transformar.

O mesmo acontecerá com as formas linguísticas e práticas comunicativas e *formativas* correspondentes (THURLOW, 2001, p. 289) (Grifo meu). Assim sendo, o ensino de práticas de escrita e leitura na escola tem que estar articulada às consequências na formação do sujeito que vivencia na *web*. No campo do registro escrito, a internet deu diferentes formas a comunicação e a interação escrita através de e-mails, weblogs, sites de redes sociais (SNS) e as milhares de páginas da *web*.

No que diz respeito à ideia de registro, importa dizer que registro neste contexto é entendido como as múltiplas variedades de textos ora recorrentes nos espaços da *web*, lembrando que, a sociedade atual tem mantido em suas práticas linguísticas e auto-educativos escritas que vão desde *post* em murais de *Facebook* até textos de notícias em weblogs.

A variedade de oportunidades de ensinar e aprender através dos usos de espaços da *web* tem constituindo nova oportunidade pedagógica e, portanto, não se pode desconsiderar quão significativa se torna a reorganização das práticas pedagógicas em vigor na escola. A *web* tornou-se presença real em nosso cotidiano a tal ponto que não é mais possível desconsiderar sua importância no processo de formação cultural, linguística e educacional de todas as crianças e adolescentes.

Na verdade, o indivíduo contemporâneo está situado no contexto do webletramento e, por isso, vivencia experiências múltiplas que vão desde a comunicação interpessoal até a constituição de grupos de aprendizagem em rede através do uso de escritas e leituras *on-line*.

A imersão dos estudantes na *world web wide* lhes permite experimentar do universo digital de variados signos e seus amplos significados, onde a escrita se mantém praticamente como tecnologia intelectual corrente de múltiplas ações que configuram webletramentos. Isto, certamente tem dificultado a ação pedagógica do professor que não compreendendo a dependência de internet do seu aluno, assume posições radicais e tenta impedir o estudante que durante as aulas, fiquem *on-line*, leia as notícias nos jornais, enviem mensagens instantâneas de textos nas redes sociais.

Está prática reforça a tese de que acessando a *Wikipédia*¹³ se aprende (talvez) outras coisas que não estão oferecendo na escola de acordo com seus desejos dos estudantes e, com isso, colocar na maioria das vezes (por competição com o professor) novos conceitos e opiniões sobre o que está sendo ensinado. “[...] a conexão entre a maneira como os jovens estão aprendendo em uma era digital, tanto em ambientes formais quanto em informais, e suas próprias” é ampliada à medida que o professor assume o papel de moderado no grupo, seja *on-line* ou *off-line*. (PALFREY, GASSER, 2011, p. 268).

Diante de toda essa informação, a escola poderia se adaptar aos hábitos dos Nascidos Digitais, no que diz respeito ao uso e à forma como eles estão processando toda essa gama de informações que lhe chega instantaneamente em seus dispositivos tecnológicos.

Antes, porém, os profissionais da educação e os educadores de um modo geral, precisam reconhecer que a maneira de aprender destes estudantes mudou significativamente e não poderá ser mais seguida pela prática pedagógica tradicional, porque, hoje aprender é muito diferente para os jovens que vêm sendo instigados pelo mundo digital desde seus primeiros passos.

A internet mudou a maneira com que as crianças e jovens coletam dados e processam informações em todos os aspectos de suas vidas.

Para os Nativos Digitais, "pesquisa", muito provavelmente, significa uma busca no *Google* mais do que uma ida até a biblioteca. É mais provável que eles chequem as coisas com a comunidade da *Wikipédia* ou recorra a um amigo *online* antes de pedir ajuda a um bibliotecário de referência. Eles raramente, se é que alguma vez,

¹³ Enciclopédia da *web 2.0* que é um dos *websites* mais usados para informação sobre milhões de tópicos. Os artigos podem ser adicionados ou editados por qualquer um a qualquer momento. Os tópicos são criados pelo usuário e o conteúdo é proporcionado e editado pelo usuário.

compram jornal em papel; em vez disso, surfam por enormes quantidades de notícias e outras informações *on-line* (PALFREY, GASSER, 2011, p. 269).

Diz-se, portanto, que as tecnologias digitais, especialmente, as móveis trazem em si, as matrizes de linguagens fundamentais para a interação do jovem navegador com mundo e a linguagem da *web*; está-se falando do sonoro, do visual e do verbal que acoplados ao movimento em tela permite a fixação pelo espaço de interação *on-line*, vindo em alguns a causar dependência de tal tecnologia.

Do ponto de vista da interação com a multiplicidade de signos existentes nas informações as quais se aproximam diariamente, pode-se considerar que os Nativos Digitais têm uma plasticidade cognitiva infinitamente maior do que tiveram seus antecessores.

Assim sendo, estão habilitados a desconstruírem a velha ideia de que para estarem conscientes e críticos sobre o mundo precisam ler até o final o jornal, o livro, etc. Na verdade, eles interagem muito mais quando tem acesso a informação *on-line*, devido a sua prática de socialização em rede, isto é, escrevem mensagens sobre o lido em weblog, compartilha em *time-lines* do *Facebook* e nas demais redes sociais suas impressões e opiniões a respeito do assunto ou da polêmica da hora.

Neste universo existem três questões que certamente seduzem os jovens para o mundo da *web*, quais sejam: “velocidade, facilidade de acesso a mundos de multissemióticos e a competência com que foram escolhidas” (PALFREY, GASSER, 2011, p. 272) as informações em rede. Ao tempo em que isso leva ao desejo contínuo de conexão, logo, surgem os primeiros sinais de dependência da internet e suas interfaces digitais.

3 AFINAL, O QUE CARACTERIZA A DEPENDÊNCIA DE USO DA INTERNET?

Estudos mostram que o uso de internet pela população jovem no mundo tem crescido em números estratosféricos e na mesma proporção da velocidade com que se criam e se desfazem espaços de interação na *web*.

A resposta à pergunta que marca a esta sessão será respondida de acordo com os modelos etiológicos apresentados por Young (2013) no *Manual de dependência de internet*. De acordo com a proposta de Young existem vários aspectos que podem configurar a

dependência das mídias digitais, destacando entre eles o uso continuado e impulsivo das redes sociais da internet.

Esta preocupação com a dependência da internet em níveis de síndrome foi o que atraiu Young (1996), quando uma paciente sua relatou que antes de conhecer a internet tinha uma vida normal e que depois da descoberta o computador conectado à rede e suas possibilidades de conexões, passou a viver 60 horas conectada à rede.

No mesmo relato, a paciente de Young (1996) disse se sentir estimulada e com estado de felicidade nunca antes vivido, todavia ao desconectar-se do mundo virtual, a disforia e a irritabilidade faziam-se presentes a tal ponto de ela deseja viver no mundo virtual para sempre.

Passados quase duas décadas dos primeiros estudos nos quais tinham como centro de coleta de dados país da Ásia, Europa e América Central. Hoje, pode-se dizer que, devido à expansão do acesso da internet no mundo, a América Latina faz parte desse mapa e o número de usuários que necessitam dessa vivência conectada para se sentir inserido e visto como cidadão do mundo é significativamente representável.

Diante deste cenário, a questão seminal que determina este trabalho foi o relato de uma professora da educação básica de uma escola, no qual ela conta que um estudante do ensino médio – adolescente de 15 anos – após ter ficado sem crédito no *Smartphone* e tendo sido negado a ele o acesso ao sistema *wi-fi* de internet da escola, por ser no horário de aula, o mesmo demonstrando irritabilidade atirou o equipamento na parede da sala da coordenação e entrou em desespero profundo, alegando que lhe estavam sendo negado o seu direito à cidadania digital.

Tem-se aí algo semelhante ao que foi detectado por Young (1996) a mais de uma década atrás. Esta ocorrência nos leva ao entendimento de que há vários tipos de dependência no contexto do mundo digital. De acordo com a Associação Médica Americana, milhões de crianças e adolescente como o acima mencionado estão se tornando dependentes de tecnologias digitais, inclusive dos *websites* e das redes sociais da *web*.

Apesar de ser um meio de comunicação que mudou a nossa maneira de viver de modo tão radical e irreversível, os efeitos da internet sobre a nossa saúde psicológica ainda não foram suficientemente estudados, [...] os sintomas já estão mudando conforme a tecnologia evolui – de browser tradicionais para smartphones que combinam a capacidade de internet com a possibilidade de falar, mandar textos e jogar videogames. Dizer simplesmente que medos semelhantes acompanharam toda tecnologia nova a ignora, o ponto principal: as qualidades de imersão e interação desse meio virtual, combinadas com a sua absoluta penetração em todos os aspectos da vida, o tornam diferente de todas as formas de mídia que o precederam e, assim,

mais propenso a ser usado de forma exagerada ou abusiva. (ABOUJAOUDE, 2013, p. x, Prefácio, Young, 2013).

Entende-se que a primeira geração de “Nativos Digitais” (PALFREY, GASSER, 2011) tenha ingressado na escola e na universidade, porém estas instituições ainda mantêm sua estrutura voltada para a questão ensino analógico. No caso brasileiro, alguns destes estão nos cursos de licenciatura e, portanto, já trazem em si, os princípios da geração digital.

Assim, a interação *on-line* e o uso mais sequenciado das mídias digitais em sala de aula da educação básica ampliam os processos de ensino e aprendizagem, permitindo interações mais efetivas e horizontalizadas entre o universo do professor e do estudante, considerando que aquele que mantém o papel de mediador das aprendizagens entre os sujeitos da aprendizagem têm maior articulação quando se mantém próximo das ferramentas digitais usadas pelos seus estudantes.

Por isso, deve-se levar a sério o fato de que partes desses usuários encontram diferentes espaços de interação com o mundo da linguagem escrita e, assim assumem posições a partir de seu modo de entender as relações com o saber que neste caso está direcionado ao uso de múltiplas semioses presentes nas tecnologias digitais e, especialmente nos *websites* da internet.

Dessa maneira, não se pode mais descartar a presença dos estudantes no contexto do *web*letramento como uma atividade que, direto ou indiretamente esteja relacionada a certo grau de dependência das linguagens e seus usos em interações *on-lines*.

4 ANÁLISE COMPARATIVA DOS DADOS

Conforme já mencionado na introdução, foram aplicados 120 (cento e vinte) questionários aos estudantes do ensino médio de duas escolas, sendo uma particular e outra pública. Em tais instrumentos foram feitas vinte perguntas com enunciados que visavam à compreensão do nível de dependência de internet e de seus *websites* dos entrevistados.

Para isso as perguntas tinham como enunciado básico: com que frequência acessa...; sente falta de estar conectado...; se irrita quando está *off-line*...; sente deprimido quando é impedido de se conectar... etc. Para mensuração das respostas foram aplicados os marcadores: 1 raramente; 2 às vezes; 3 frequentemente; 4 geralmente e; 5 sempre.

Conforme descrito pelos modelos etiológicos de Young (2013) e de outros pesquisadores, estes marcadores quando quantificados indicariam o nível de dependência da internet e das mídias digitais por parte dos estudantes.

Na tentativa de compreender aspectos mais gerais dos dados, aplicou-se uma ponderação de média aritmética, visando com isso, categorizar a dependência no grupo maior.

Vale informar que foram aplicados 120 questionários que foram prontamente preenchidos e devolvidos pelos estudantes. Ficando assim a mensuração: a escola particular apresentou uma média 50,1, tendo como referência os 60 questionários, os quais somaram 3.008 pontos. Já na escola pública obteve a média de 31,79, advinda da soma total de 1.907. A diferença é 1.101 pontos que em termos de média são 18,31 pontos para cima no grau de dependência de internet dos estudantes da escola particular em relação à escola pública.

Neste contexto, ao aplicar o índice do modo etiológico em uso, pode-se configurar que, na escola particular já é possível perceber um grau de dependência no que diz respeito ao uso da internet e as mídias digitais através dos dispositivos móveis na escola e também noutros espaços.

Em verdade, há grau dependência de internet e mídias digitais nos dois espaços, visto que o modelo etiológico de Young (2013) diz que, em havendo totalizações que vão de 31 a 49 pontos considera-se dependência leve; de 50 a 79 pontos considera-se dependência moderada.

Diante dos dados apresentados, afirma-se que na escola pública a dependência ainda é leve, pois atingiu 31,79 pontos e isso pode ser entendido por diversas ocorrências, dentre as quais foi relatado à dificuldade de acesso contínuo a internet devido aos altos custos da telefonia móvel, que se torna incompatível com a renda dos estudantes de escola pública.

Além disso, a precariedade da distribuição de sinal de internet nestas unidades educacionais faz com que professores e estudantes fiquem distantes do mundo virtual. Em outras palavras, não há rede *wi-fi* disponível para os alunos acessarem os *websites* de redes sociais no intervalo das aulas, o que dificultam muito a participação destes sujeitos na *web*.

O que se torna interessantes nos dados é que há clara participação dos estudantes nos ambientes da *web*. Outra questão de destaque está na participação efetiva no ambiente virtual dos Nativos Digitais, onde eles demonstram quão significativa é sua presença *on-line*. Logo, a dependência de uso da internet se instala no cotidiano digital de tais jovens, a tal ponto que chega a ser natural eles ficarem horas conectados à internet através de dispositivos móveis digitais, mesmo que estejam em sala de aula.

A mensuração e a análise qualitativa das informações afirmam que os Nativos Digitais vêm construindo novas linhas de conexão com as identidades, reconhecendo-as como dinâmicas; a privacidade e a aprendizagens móveis têm como característica maior a mobilidade na produção conhecimento em rede.

As tecnologias digitais móveis à disposição dos Nativos Digitais os tornaram usuários compulsivos de *websites* que, de acordo com Young (2012), isso acontece por conta de não ser mais possível estabelecer a linha divisória entre o uso e a dependência.

Esta dependência sugere que não se trata de os jovens serem impotentes; diz apenas que eles estão interessados em participar ativamente de interações *on-line* e, assim, manter conectados com o mundo além da escola.

Os Nativos Digitais estão na linha de frente de movimentos de articulação política e cultural, porém as questões pedagógicas na escola ainda continuam centradas nos eventos analógicos que priorizam a monocromia da aprendizagem. Estas práticas, na verdade, colocam em cheque as ações interacionais dos Nativos Digitais que através de um uso efetivo de dispositivos móveis conectados a internet no cotidiano escolar vão além da aprendizagem proposta pelo professor em sala de aula. Assim vêm às rotulações, tanto no campo da linguística quando no contexto de comportamentos.

As novas tecnologias estão transformando alguns aspectos da política. As regras fundamentais ainda se aplicam, mas a maneira como o jogo é jogado está mudando. Os Nativos Digitais, em muitos casos, estão liderando o caminho. O maior impacto vai ocorrer se o restante da sua geração em todo o mundo acompanhá-los (PALFREY; GASSER, 2011, p. 289).

Beard (2013) corrobora com a ideia de que os adolescentes são atraídos para a internet e seus *websites* porque há nela variadas linguagens e possibilidades de interação entre sujeitos que partilham de gostos e problemas que os levam à dependência de uso da internet.

Lam, Jin-Cheg e Jin (2009) fazem afirmações sobre o uso dependente da internet por adolescentes, quais sejam:

[...] estresse são uma razão para o adolescente se envolver exageradamente com a internet. Sua capacidade de enfrentar as situações pode ser limitada, e a internet é uma forma conveniente e disponível de tentar lidar com a tensão. Outra razão é a possibilidade de expressar a si mesmo, o que pode ser particularmente atraente para um adolescente que está lidando com o desenvolvimento da identidade e questões de autoconceito (TOSUM e LAJUNEN, 2009). A anonimidade percebida de internet é outro aspecto atrativo para os adolescentes, permitindo-lhes adotar comportamentos que não adotariam ou aos quais não teriam acesso no mundo real (BEARD, 2008 *apud* YOUNG, 2013, p. 213).

A comunicação e entretenimento em *sites* de rede sociais (SNS) através de bate-papo no qual as identidades dos participantes são reveladas por meio de “curtir”, compartilhar nas redes sociais os vídeos e imagens autorais cujas estéticas voltam para a afirmação do ego de participante da comunidade virtual no que diz respeito ao entretenimento, pesquisas mostram que os jogos de *videogames*, ouvir e compartilhar músicas e assistir vídeos são atividades que mais absorvem os adolescentes para a permanência e a conexão em *websites* dessa natureza; o que depõe a favor da dependência do uso do computador ligado à internet.

5 CONSIDERAÇÕES

As reflexões epistemológicas e conceituais sobre usos de dispositivos móveis ligados à internet no sentido de compreender a dependência do uso da internet, bem como entender que estes promovem aprendizagens na *web* foram inspiradas na observação de comportamentos de estudantes de faixa etária de 14 a 17 anos que, de acordo com a tese de Palfrey e Gasser (2011) são Nativos Digitais que vivem outra realidade tecnológica; cultura participativa.

Na *web* existem espaços que permitem variadas formas de participação e interação entre os sujeitos que, comunicativamente se organizam em comunidades *on-line* para discutir assuntos de natureza pessoal e coletiva, vindo, inclusive a organizar movimentos cujas dinâmicas estão estruturadas em redes e extrapolam as fronteiras.

Para Palfrey; Gasser (2011) a internet levou as pessoas a se aproximarem por temas comuns em comunidades *on-lines* e foi aí que a cultura participativa digital reuniu pessoas que, se encorajando iniciaram o compartilhar suas inovações e criatividade.

Henry Jenkins, codiretor do MIT *Comparative Media Studies Program*, apresenta cinco pontos fundamentais sobre a cultura participativa: (1) Há relativamente poucas barreiras para a expressão artística e o envolvimento cívico; (2) há um forte apoio para a criação e compartilhamento do que você cria com outras pessoas; (3) há algum tipo de tutoria informal em que o que é conhecido pelos mais experientes é transferido para os principiantes e novatos; (4) os membros acham que suas contribuições são importantes e (5) os membros sentem algum grau de conexão social um com o outro, pelo menos até o grau em que se importa com o que as outras pessoas pensam sobre o que eles criaram (PALFREY, 2011, p. 323).

Estes, portanto, têm domínio digital e promovem mudanças nas maneiras de se ensinar e aprender através do uso compulsivo de *websites* da internet, ampliando assim, a discussão sobre as práticas pedagógicas ora empregadas na sala de aula, lugar de manutenção da ordem

discursiva da disciplina e lógica binária do conhecimento – um ensina e todos aprendem –, tendo no professor o centro da formação e do saber sistematizado.

Constatou-se ainda que os *sites* de redes sociais (SNS) garantem a comunicação e permanência em relacionamentos regulares e podem tratar de questões de autoexpressão criativa, registrando e compartilhando suas experiências pessoais em rede.

Apesar de os dados da pesquisa remeterem à ideia de dependência de uso da internet, não se pode somatizar os aspectos negativos do uso compulsivo pelos adolescentes.

Essa participação na *web* assegura apoio emocional que talvez no cotidiano real não estejam recebendo como deveria, isto é, a interação no ambiente *on-line* constitui numa sessão de terapia coletiva; além disso, há também aspectos educacionais para os adolescentes porque os permite o acesso a informações antes consideradas difíceis; permite também que sejam expostos a culturas participativas onde ideias novas e diversas são apreendidas e socializadas em rede.

Por fim, considera-se que, embora haja riscos eminentes relacionados aos comportamentos individuais resultantes do isolamento social real em favor de maior frequência na *web*. Por outro lado, à internet pode oferecer o aumento da auto-estima, diminuir a ansiedade, aumentar o engajamento em questões sociais e de saúde coletiva, oferecendo informações aqueles que ainda não estão conectados com o mundo virtual.

Além disso, essa permanência no ambiente virtual a ponto de se chegar ao nível moderado ou até grave, conforme ficou evidenciado na análise dos dados, pode levar ao aumento do domínio tecnológico e, com isso, ampliar a interação entre os participantes de fóruns digitais onde são discutidas questões relacionadas ao uso de dispositivos tecnológicos.

Fica evidenciando que a participação efetiva na *web* leva ao desenvolvimento da capacidade de interação escrita e também outras habilidades e capacidades intelectuais, a exemplo, adolescentes considerados poucos afeitos a escrita e a leitura, no contexto da escola, mantêm um ritmo de leitura e escrita em *weblogs* através da postagem de comentários, ao tempo em que “linkam” suas práticas e ações com outros autores e leitores, cujos estilos estão para além dos gêneros clássicos de escrita e leitura pretendidos pela escola.

CITIZENSHIP AND WEBLETRAMENTO: FROM PLEASURE TO DIGITAL DEPENDENCE

ABSTRACT

This paper presents partial results of research – in progress – held with high school students from public and private schools of Santo Antonio de Jesus – BA. For this applied 20 questionnaires to students of 1^o, 2^o and 3^o years of high school, totaling 120 questionnaires in two schools, one private and the other public. Main objective was to analyze the degree of dependence on the internet referred to public, measuring qualitatively and quantitatively the level of interaction and learning in networked living those involved in research, from understanding the frequency and the use of the internet through access by mobile devices: Mobile, iphone, ipad, smartphones, etc. The theoretical-methodological support are the etiological models of internet addiction, (Young, 1996). The measurements were based on the Protocol of the Internet Addiction Test (IAT) in which he ponders the extent, the classification and the person's involvement with media addiction from the categorizations: mild: 0-30 points; moderate: 31-49 points; serious: 50 to 79 points; severe: 80-100 points. The measurements carried out on the data provided by the students of public schools surveyed, the average 31.79 points. The Protocol (IAT) shows, in this case, light dependence. On the other hand, the private school has average 50.1 points, which according to the same protocol has in this case, moderate dependency.

Keywords: mobile devices; school; internet addiction.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders** (4th ed. Text.rev.). Washington, DC. Author. Publicado pela Artmed, 2000.

BELL, Judith. Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BEARD, KEITH W. Trabalhando com adolescentes dependentes de internet. In. CRYSTAL, David. **Language and the Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. **How Is the Changing Language Today?** 2010. Entrevista. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=P2XVdDSJHqY>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

CRESWELL, Jonh W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre, Artmed, 2010.

GULLAR, Ferreira. **Internautas do mundo, uni-vos!** Folha de S. Paulo. São Paulo, 23 out. 2011. Ilustrada, p. 14.

PALFREY, Jonh; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SHEPHERD, Tânia; SALIÉS, Tânia G. **Linguística de internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

THURLOW, Crispin. The internet and language. In: MESTHRIE, Raj end. **Concise Encyclopedia of Sociolinguistics**. Oxford: Elsevier, 2001, p. 287-289.

YOUNG, K. S. Addictive use of the internet: A case that breaks the stereotype. Psychology of computer use: XL. **Psychological Reports**, n. 79, p. 899-902. 1996.

_____. **Dependência da Internet**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Recebido em 28 de setembro de 2014. Aprovado em 08 de novembro de 2014.